

C - (6) 15o DOMINGO (TC) – O SAMARITANO MISERICORDIOSO

Jesus sempre surpreendeu a todos com seus ensinamentos, mas principalmente com o seu modo de vida. **Não era um homem de “belas palavras”, mas de exemplos concretos de vida e caridade**, por isso, seus ensinamentos são profundos e questionadores. **As pessoas se aproximavam de Jesus e sempre recebiam, gratuitamente, algo de especial e faziam uma experiência do amor de Deus.** Este ponto em especial deve ter sido o principal motivo da oposição e até da ira daqueles que eram responsáveis pelo culto e pela religião da época. O judaísmo da época de Jesus apreciava muito mais um Deus da vingança e da punição e não um Deus da misericórdia. Assim, vários tentaram pegar Jesus em seus ensinamentos como no Evangelho de Lucas deste domingo mostrando que Ele não ensinava conforme a religião oficial.

O escriba era um entendido nas leis e na religião judaica. Ele se aproxima com uma intenção maldosa de testar Jesus em suas palavras. **Chama-O de “mestre”, mas não tem intenção de ser discípulo.** A questão apresentada era fundamental para qualquer pessoa que estava fazendo um caminho de fé (questão típica de um discípulo judeu: “o que devo fazer...”). Na pergunta, o escriba destaca o que era necessário “fazer” para herdar a vida eterna. Ele entendia que o caminho da salvação se resumia na prática (fazer) da Lei.

Seguindo a tradição dos entendidos da lei da época, Jesus rebate a pergunta propondo outra pergunta onde o aluno expõe o conteúdo aprendido no ensino. O mestre da Lei relembra o grande princípio do **amor a Deus (Dt 6,5) com todo coração, alma, força e inteligência**; era uma oração rezada diariamente pelos judeus. A resposta é dada com um verbo no futuro: “amarás...” e não no imperativo (“ame a Deus”). E acrescenta outro princípio, mas de uma forma muito simples, sem repetir o termo amor: “... e ao próximo como a si mesmo” (Lv 19,18). Na primeira leitura, vemos que a Palavra e **os Mandamentos estão próximos e em nosso coração para colocarmos em prática, são princípios exigentes, mas não impossíveis ou inacessíveis.**

Mas, o escriba querendo se justificar diante de Jesus (mostrar-se justo) amplia a questão com uma nova pergunta: “quem é o meu próximo”? Ele de qualquer modo se inclui na questão (“meu próximo”). Com este modo de perguntar, **o escriba se coloca ao centro e queria saber quem ele poderia considerar como sendo o seu “próximo”.** Para os judeus da época era aquele que vivia como ele: um judeu, religioso e fiel praticante da lei. Diante da nova questão, Jesus inova. Não lhe faz uma nova pergunta, nem rebate os princípios apresentados e nem propõe uma nova discussão a partir da lei, mas propõe uma nova prática para o seu cotidiano. **Ele tira a discussão do Templo e das Escrituras e coloca a vivência da religião, nas estradas.** Assim, Jesus concordava com o conteúdo do Mestre da Lei, mas divergia de sua prática.

A parábola conhecida por todos, inicia mencionando circunstâncias muito especiais para o judeu, mas também extremas. **Um “homem descia de Jerusalém”. Ele não tem nome, nacionalidade, nada sabemos sobre o que ele tinha feito e aonde iria.** Ele representa a condição comum e geral de todos: pode ser qualquer pessoa. Ele caiu na mão de bandidos que além de ser assaltado, ainda é maltratado e espancado, deixado quase morto a beira da estrada. **Não conhecemos suas origens, mas as suas dores.** O fato de estar “descendo de Jerusalém” nos dá a impressão de que se tratasse de um judeu piedoso que tinha realizado suas obrigações na Cidade Santa. Este mesmo detalhe (descer de Jerusalém) é mencionado para os dois próximos personagens.

Jesus continua a história afirmando que **“por acaso” pela mesma estrada descia um sacerdote.** Este religioso percorria o caminho que era feito por todos judeus que iam e retornavam de Jerusalém. **Era o caminho do peregrino e do fiel. Tudo acontece por acaso na vida do sacerdote, mas foi algo providente da parte de Deus** para o sujeito deixado quase morto à beira da estrada dos peregrinos.

O sacerdote era o personagem principal no culto judaico, pois oficializava as principais cerimônias e festas. Era uma pessoa que tinha contato com tudo que era de mais sagrado para um judeu. Jesus narra que o sacerdote **“viu e mudou de estrada”.** Foi casual o encontro, mas ele vê, mas não faz nada (“fazer”: pergunta inicial do escriba!). Um sacerdote quando “subia” para exercer o seu ofício no Templo em Jerusalém tinha que observar várias prescrições de pureza, entre elas, jamais tocar no sangue ou em um cadáver (o sujeito estava quase morto). Mas, o sacerdote estava descendo de Jerusalém (já estava livre de observar essas normas). Ele simplesmente, muda de lado da estrada. Jesus acrescenta que **um levita (eles auxiliavam o sacerdote no templo) faz a mesma coisa: vê e muda de lado da estrada.** Dois principais personagens do culto judaico nada fazem para prestar o mínimo de auxílio àquela pessoa deixada à beira da estrada quase morta. Escolhem manter as “mãos

limpas” de sangue conforme a lei, mas o coração deles estava doente, impuro e muito longe de Deus. **Sacerdote que esteve em Jerusalém para pedir misericórdia a Deus presidindo o culto, não tem misericórdia de alguém quase morto deixado a margem da estrada**

O terceiro personagem surpreende a todos os ouvintes: um samaritano. Esses eram considerados **impuros e infiéis, eram marginalizados e desprezados pelos judeus**, principalmente pela classe religiosa. Talvez por isto, exatamente, esta pessoa faz muito mais que os dois religiosos. **O samaritano também vê**, mas vai além disto. Jesus nos diz que ele **“encheu-se de compaixão”**. Esta forma verbal já apareceu em Lucas na passagem de Jesus que vê e enche-se de compaixão pelo filho da viúva de Naim (Lc 7,11-17) e reaparecerá mais adiante na parábola do Filho Pródigo (15,11-32).

O samaritano que era visto externamente como alguém impuro e indigno, se mostra com um coração de Deus: cheio de compaixão. Jesus conta que ele “estava em viagem”, isto é, em serviço. Ele sim poderia dar uma desculpa, pois estava atarefado e com compromisso, mas não o faz. Ademais, ele estava em um território que não era o seu, mas dos judeus. **O samaritano vê uma pessoa (um homem) não um inimigo ou um adversário.** Ele se encontrava em terra de judeus e, certamente, aquele que “descia de Jerusalém” era alguém mais próximo dos judeus do que dos samaritanos. Mas, mesmo assim, ele vê e se enche de compaixão.

Os 10 verbos que se seguem são intensos. O samaritano interrompe seu caminho e atividade, se aproxima e toca o ferido curando suas feridas. **O samaritano não tem preconceito e nem medo**, pois entende que diante dele tem uma pessoa, um ser humano que precisa de ajuda. Ele não pergunta nada, não apresenta condições e nem limites no que faz, ele simplesmente age com o máximo de suas condições. **A compaixão do samaritano faz com que ele gastasse não somente seu tempo, mas também seus bens:** o vinho que continha álcool serviu para desinfetar; o óleo para aliviar as dores. Depois, concede ao doente o seu lugar na montaria e o conduz a um albergue. Como um servo, puxa seu animal onde estava o doente sobre a montaria como se fosse seu senhor. O samaritano além de gastar seu tempo e bens, gasta também um pouco de sua vida: passa a noite curando o doente. No dia seguinte, ele ainda gasta de sua riqueza para garantir a cura do doente. Ele faz muito mais do que uma simples ajuda. Cerca a pessoa de tudo que estava ao seu alcance.

Para o termo que traduzimos por “dono da pensão”, Lucas usa um vocábulo exclusivo que literalmente significa “acolhe a todos”. **O samaritano conduz o ferido àquele que “acolhe a todos”, paga-o com “duas moedas” para que continuasse a cura e o tratamento**, na época era o pagamento por dois dias de hospedagem. O samaritano promete depois de dois dias pagar o que o dono da hospedagem tivesse gasto a mais. Há uma forte ligação com a própria história de redenção de Jesus. A ressurreição no terceiro dia foi o preço que redimiu e curou todo o universo.

A compaixão que o samaritano nos ensina vai além de ver (como o sacerdote e o levita) e fazer alguma coisa somente. É encher-se de compaixão, de amor, é aproximar-se, tocar, doar de si e do que tem, promover o outro com atenção e bens.

Ao final, Jesus retoma a conversa com o escriba e refaz a pergunta em outra perspectiva: “qual dos três foi próximo daquele que caiu nas mãos dos ladrões?” Próximo - segundo Jesus – **não é quem eu escolho como amigo ou que eu quero ajudar, mas quem Deus coloca em minha estrada.** Não são os outros que devem se aproximar de mim, mas sou eu que devo ir ao encontro, sem limites e condições. Cada um é chamado a ser próximo do outro a começar dos mais necessitados, marginalizados, abandonados e deixados quase mortos nas estradas de nossa sociedade. Mas, somente iremos conseguir ser próximos dessas pessoas se nos enchermos de compaixão (de amor de Deus).

À resposta do entendido da lei, Jesus conclui com uma frase que vale para nós todos: “Vai e faz tu o mesmo!”

Pe Dirlei